

Presidente diz estar empenhado na retirada de brasileiros da Ucrânia, mas evita comentar invasão do país e faz declaração dura contra o seu vice, Hamilton Mourão, por comentário

BOLSONARO DEFENDE PAZ, MAS NÃO CRITICA RÚSSIA

CRISTIANE NOBERTO

Brasília – O presidente Jair Bolsonaro não condenou a invasão da Ucrânia pela Rússia, mas disse que o Brasil quer paz e não guerra. Em sua transmissão semanal ao vivo pela internet, na noite de ontem, Bolsonaro criticou o seu vice, general Hamilton Mourão, que estaria “dando pernaada naquilo que não lhe compete”. Mais cedo, Mourão havia dito que o Brasil “não está neutro” e que “não concorda com uma invasão do território ucraniano”. O presidente criticou na live: “Quero deixar bem claro, está no artigo 84 da Constituição, quem fala sobre esse assunto é o presidente e quem é o presidente é Jair Messias Bolsonaro. Eu vi, mas quem falou não deveria. Não é de competência dessa pessoa, é de competência nossa”, disse ele, ao lado do ministro das Relações Exteriores, Carlos Franca.

Na live, Bolsonaro admitiu que a visita que fez à Rússia tomou “uma proporção muito mal” e, desde então, o mundo vem conversando com o governo brasileiro. Ele destacou que o posicionamento é pela paz. “Sempre, na medida do possível, queremos a paz, a guerra não interessa a ninguém, somos da paz. Teremos uma reunião para dimensionar o que está acontecendo e o Brasil tomar sua posição”.

Bolsonaro ressaltou que ouviu primeiro os ministros das Relações Exteriores e da Defesa, França e Braga Netto, respectivamente, “que são responsáveis para tratar desses assuntos”. “Nós somos da paz, fizemos uma boa viagem para a Rússia, somos dependentes de fertilizantes, mas o país mais importante do mundo é o Brasil”, afirmou. “O mundo será pela paz”, repetiu.

Mais cedo, Bolsonaro postou mensagens nas redes sociais afirmando estar “totalmente empenhado no esforço de proteger e auxiliar os brasileiros que estão na Ucrânia”. “A embaixada do Brasil na Ucrânia pediu aos brasileiros residentes em Kiev, capital da Ucrânia, que fiquem em casa, exceto com a ativação de sirenes, indicando bombardeio. Cerca de 500 brasileiros vivem no país, mas o governo brasileiro não sabe exatamente quantos já podem ter saído e quantos ainda estão no país diante do aumento da tensão da região nas últimas semanas. Bolsonaro foi às redes sociais afirmar que está empenhado no apoio para a retirada. “Estou totalmente empenhado no esforço de proteger e auxiliar os brasileiros que estão na Ucrânia. Nossa embaixada em Kiev permanece aberta e pronta a auxiliar os cerca de 500 cidadãos brasileiros que vivem na Ucrânia e todos os demais que estejam por lá temporariamente”, afirmou Bolsonaro nas redes sociais.



ANDRÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

“Solicita-se aos cidadãos brasileiros em território ucraniano, em particular aos que se encontrem no Leste do país e em outras regiões em conflito, que mantenham contato diário com o governo brasileiro por meio de nossa embaixada. Caso necessitem de auxílio para deixar a Ucrânia, devem seguir as orientações do serviço consular da embaixada; no caso dos residentes no Leste, deslocar-se para Kiev assim que as condições de segurança o permitam. Disponibilizamos, ainda, para casos de emergência consular de brasileiros na Ucrânia e seus familiares, o número de telefone de plantão consular (+55 61 3626 0610). Atendemos todas as demandas com total empenho e prioridade”, afirmou também o presidente em sua postagem.

Ainda ontem, em conversa com apoiadores no Palácio da Alvorada, Bolsonaro criticou a guerra na Ucrânia e fez críticas ao Movimento dos Sem Terra (MST), comentou sobre o placardos da Argentina, dizendo que devemos “aprender com o erro dos outros”, em resposta a um homem argentino que reclamou do preço dos alimentos. Depois, ele embarcou para São José do Rio Preto, em São Paulo, onde participou da cerimônia de inauguração da travessa urbana local. Minutos antes, sem máscara e em meio a aglomeração, cumprimentou apoiadores com apertos de mão e desfilou em carro aberto acompanhado por uma motociclista.

“NEUTRO” O vice-presidente da República, Hamilton Mourão, declarou que o Brasil não está de acordo com a invasão da Ucrânia. “O Brasil não está neutro. O

Sempre, na medida do possível, queremos a paz, a guerra não interessa a ninguém, somos da paz. Teremos uma reunião para dimensionar o que está acontecendo e o Brasil tomar sua posição”

Jair Bolsonaro, presidente da República, durante transmissão ao vivo pelo internet

Brasil deixou muito claro que ele repudia a soberania da Ucrânia. Então, o Brasil não concorda com uma invasão do território ucraniano. Isso é uma realidade”, disse ele na entrada do Palácio do Planalto. Bolsonaro esteve na Rússia na semana passada em meio às tensões entre o país e a Ucrânia e disse se solidarizar com a Rússia. O ato gerou reação dos EUA, que disseram que a declaração dele “mina a diplomacia internacional” e “não poderia ter ocorrido em momento pior”. Questionado sobre as declarações do presidente, Mourão preferiu não comentar. “Eu não comento as palavras do presidente”, afirmou.

Já o chanceler destacou que o Brasil trabalha com um plano de contingência

para cuidar dos cerca de 500 brasileiros que vivem na Ucrânia. “A embaixada está aberta e dedicada à proteção dos brasileiros naquele país, pensando em tirar os brasileiros que estão em região de conflito e em quem quiser sair de lá. Estamos elaborando um plano de contingência que não podemos revelar agora, mas envolve negociação com os países vizinhos e com as autoridades ucranianas. Só vamos tirar [os brasileiros de lá] quando tivermos a condição adequada segura e de maneira ordenada”, afirmou.

O Ministério das Relações Exteriores divulgou nota informando que não há como enviar missão de salvamento à Ucrânia, porque o espaço aéreo do país está fechado. A pasta destacou sua preocupação com a situação na Ucrânia. “O governo brasileiro acompanha com grave preocupação a deflagração de operações militares pela Rússia contra alvos no território da Ucrânia. O Brasil apela à suspensão imediata das hostilidades e ao início de negociações conduzidas a uma solução diplomática para a questão, com base nos Acordos de Minsk, e que leve em conta os legítimos interesses de segurança de todas as partes envolvidas e a proteção da população civil”, escreveu.

O texto ressalta ainda que o Brasil é membro do Conselho de Segurança das Nações Unidas e que permanece engajado nas discussões multilaterais com vistas a uma solução pacífica. No texto, defende a tradição diplomática do país e a defesa do direito internacional, sobretudo os princípios da não intervenção, da soberania e integridade territorial dos Estados, além da solução pacífica das controvérsias entre as nações.

Pré-candidatos lamentam conflito

INGRID SOARES

Brasília – A guerra na Ucrânia repercutiu também entre os pré-candidatos à Presidência da República. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) condenou a ofensiva russa e defendeu que a discussão deveria ter ocorrido em “uma mesa de negociação”. “É lamentável que, na segunda década do século 21, a gente tenha países tentando resolver suas diferenças, sejam territoriais, políticas ou comerciais, através de bombas, de tiros, de ataques, quando deveria ter sido resolvido numa mesa de negociação. Acho que ninguém pode concordar com guerra e a gente está acostumado a ver que as potências de vez em quando fazem isso sem pedir licença. Foi assim que os Estados Unidos invadiram o Afeganistão e o Iraque. Foi assim que a França e a Inglaterra invadiram a Líbia. É assim que a Rússia está fazendo com a Ucrânia”, disse Lula em entrevista à Rádio Supra FM, do entorno do Distrito Federal.

Lula também criticou a ONU por não ter agido com maior representatividade na questão. “O importante é repudiar mais uma guerra no século 21, coisa desnecessária que poderia ter sido resolvida se a ONU tivesse mais representatividade, mais força para evitar”. O petista ironizou a viagem do presidente Jair Bolsonaro à Rússia. “Parece até piada, o Bolsonaro foi lá dizendo que ia resolver a paz e agora acho que é importante mandar ele lá para a Ucrânia para ver se ele consegue resolver o problema lá. Como Bolsonaro adora contar mentira, fazer fake news, ele foi lá e tentou passar para a sociedade que ele foi lá numa missão, ou seja, até hoje a gente não sabe o que foi fazer lá”.

Já o pré-candidato do PDI, Ciro Gomes, comentou pelo Twitter: “Precisamos nos preparar, portanto, para os reflexos do conflito entre a Rússia e a Ucrânia. Muito especialmente por termos um governo fragil, despreparado e perdido”. O ex-juiz e ex-ministro Sérgio Moro, pré-candidato do Podemos, em seu perfil na rede social, afirmou que “a paz sempre deve prevalecer” e que repudia a guerra e “a violação à soberania da Ucrânia”. O governador de São Paulo, João Doria (PSDB) afirmou: “O que está em jogo são milhões de vidas humanas. Mais do que nunca o mundo precisa de paz”. Em vídeo, o pré-candidato pelo partido Novo, Felipe Dória, qualificou o presidente Vladimir Putin como “populista autoritário”, que “há anos busca uma guerra sem sentido para chamar de sua”.

Preocupação no Senado e na Câmara

TAINÁ ANDRADE

Brasília – O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), se manifestou sobre o conflito na Ucrânia. Sem citar o presidente Jair Bolsonaro (PL), o parlamentar afirmou, em nota, que a deflagração de uma crise como esta poderá deteriorar e gerar impactos político, econômico e social grandiosos. Ele defendeu a paz e o diálogo “amplo, pacífico e democrático” para buscar uma solução rápida e em que todos os interesses sejam atendidos. “Consoante a política externa brasileira, que historicamente tem-se orientado pela busca da paz e pela solução negociada dos conflitos internacionais, como presidente do Congresso Nacional e em nome de meus pares, reafirmamos a necessidade de um diálogo amplo, pacífico e democrático com vistas a uma rápida solução negociada que

contemple os legítimos interesses das partes envolvidas”.

Pacheco reforçou também que a “crença na democracia, na convivência harmoniosa, no respeito aos direitos humanos e no multilateralismo consagrado pelos princípios das Nações Unidas nos leva a renovar nossa melhor expectativa no que se refere ao encaminhamento de uma solução pacífica”.

A Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional do Senado se posicionou contrária à invasão das tropas militares russas ao território ucraniano. O comunicado foi assinado pela presidente do colegiado, Kátia Abreu (PP-TO). Segundo o texto, o início da guerra é “fato de extrema gravidade” e que viola princípios fundamentais da Carta da Organização das Nações Unidas (ONU) e do direito internacional “por atentar contra a soberania e a integridade territorial de



BOQUE DE SÁRGUEN/SENADO

um país soberano e colocar em risco a vida de cidadãos inocentes”.

A nota destaca também que o Brasil deve atuar em consonância com as diretrizes constitucionais que regem a diplomacia brasileira. Membro do Conselho de Segurança da ONU, o papel do país é atuar pela “cessação imediata da violência e pela resolução pacífica do conflito”. O presidente da Câmara dos Deputados,

Arthur Lira (PP-AL), defendeu a via da diplomacia para solucionar o conflito entre Rússia e Ucrânia. “O mundo já enfrenta o luto de milhões de perdidas da pandemia COVID-19. A medida que voltamos à normalidade, assistimos a uma escalada sem precedentes entre Rússia e Ucrânia. Neste momento precisamos de paz, entendimento, e que as duas nações busquem os caminhos diplomáticos”, disse.

Crença na democracia, na convivência harmoniosa, no respeito aos direitos humanos e no multilateralismo consagrado pelos princípios das Nações Unidas nos leva a renovar nossa melhor expectativa no que se refere ao encaminhamento de uma solução pacífica”

Rodrigo Pacheco (PSD-MG), presidente do Senado

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Política **Página:** 3